

DIAS DE FESTA: Lavagem de Sant'ana ocupa as ruas da cidade.

Rennan Pinto de Oliveira¹

RESUMO

O texto faz uma breve análise desde a gênese da Lavagem da Igreja até o seu processo de transformações e mutações entre as décadas de 30 e 70. Nesse período aconteceram diversos conflitos e disputas nascidos pelas divergências de interesses, principalmente, entre a Igreja Católica (disposta a acabar com a Lavagem e todas as manifestações consideradas de caráter profano) e a Prefeitura Municipal de Feira de Santana representado pela SETUR (que desejava ampliar a festa de largo e incluir elementos modernos). Este trabalho tem, também, a pretensão de mostrar os impactos e interferência gerados pela nomeação do Bispo Dom Silvério na diocese feirense no esvaziamento e enfraquecimento da festa profana.

Palavras chaves: Festa – Profano - Lavagem da igreja .

Supõe-se que a Lavagem de Santana teve sua gênese a partir das comemorações da Festa de Santana. Em Feira de Santana, as primeiras notícias a respeito do culto e devoção a *Senhora Sant'Ana* são de 1732, com o casal Barbosa. Segundo Galvão “foi iniciado também no século dezoito pelo casal Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doaram para a Igreja Católica um terreno no Alto da Boa Vista, onde foi erguida uma capela em homenagem a Sant'Ana e a São Domingos²”, vinculada, inicialmente, à Paróquia de São José da Itapororocas, pertencente à comarca de Cachoeira.

Desses anos à frente, festejar era a ordem dos dias destinados à pomposa Festa de Sant'Ana. Nas décadas iniciais do século XX, durante esse grande acontecimento festivo, toda a cidade se mobilizava para organizar as homenagens à padroeira e se preparava para estar presente nos dias de festa, assim representado no texto do memorialista Boaventura: “E as mocinhas de economia escabreada, as senhoras menos abastadas esperavam o ano todo para fazer um vestido melhor para a festa [...], o vestido ficava identificado como “vestido da festa³”. O comércio da cidade aumentava tangencialmente as vendas, todos queriam estar com novas roupas e sapatos para novenas e missas.

Prosseguia-se a Festa com suas novenas e, concomitantemente a elas, os sujeitos participantes se deliciavam com as retretas⁴ ao som das filarmônicas que

dominavam o universo musical junto com suas zabumbas e charangas, as quais efervesciam a alegria nos dias da Lavagem da Igreja e da Levagem da Lenha.

O fechamento da Festa era dividido entre momentos marcados por rituais de quebra da ordem, como a Lavagem e o Bando Anunciador, considerados eventos profanos, e os rituais da ordem, como a procissão que encerrava os vinte e um dias de festa com orações e a saída pelas ruas dos santos levados nos andores, sustentados nos ombros dos fiéis que percorriam as avenidas e praças numa demonstração de fé e fidelidade aos preceitos cristãos tão pregados nos sermões ao longo das trezenas, novenas e missas, comandadas pelo pároco e palestrantes convidados, durante os vinte e um dias de festa.

Depois do itinerário cumprido, a procissão voltava à praça da Catedral e lá era, segundo Boaventura “reunida toda a Feira de Santana. Dos coronéis, dos doutores até a gente modesta. Das aristocracias até as colhedoras de fumo⁵”. Os eclesiásticos se dirigiam ao coreto, juntamente com os convidados, a fim de realizar os procedimentos para o encerramento dos festejos, deixando um sabor de um pouco mais para as comemorações do ano vindouro, a fim de repetir tão bela e luxuosa festa.

A Festa de Senhora Sant’Ana é comemorada pela Igreja Católica no dia 26 de julho. Porém, nos primeiros anos do século XX, Feira de Santana contrariou essa data, remarcando seu festejo para meados do mês de janeiro. Em sua escrita memorialística, Eurico Boaventura atribui a mudança de data por decisão do Monsenhor Tertuliano Carneiro, no ano de 1913, após consultar o Pároco Bebeto que sugeriu a alteração por considerar o mês de janeiro mais conveniente por diversos fatores: a reduzida chance de chuvas, o retorno dos jovens para tirar férias na cidade com seus familiares e a possibilidade de maiores contribuições por parte dos coronéis da região para mais uma pomposa Festa de Sant’Ana que se configurava como uma oportunidade de socialização da população ao longo dos anos, e sua organização requeria empenho de pessoas de prestígio social.

Dentro dessa Festa é perceptível a Lavagem da Igreja Matriz de Sant’Ana, uma manifestação formada por elementos e práticas próprias como examinaremos ao longo dessa discussão. Durante a Lavagem, o cortejo era composto por grande parte da população local que brindava esse momento com muita festa ao som das bandinhas e acompanhavam os burricos dos vendedores de água, sendo os animais, nesse dia, arrumados e engalanados com tecidos e laços de fita para estarem bem apresentados. À

frente do desfile vinham as porta-bandeiras que saudavam a Padroeira com suas bandeiras de várias cores. As comemorações começavam no início da manhã e iam noite adentro. No fim do dia, a população se juntava para a grande “Levagem da Lenha⁶” formando as grandes fogueiras que iluminavam o largo da Matriz, dando continuidade aos festejos de caráter profano, uma vez que eram organizados por leigos.

O desdobramento em muitas etapas às homenagens a Padroeira de Feira de Santana, interligando práticas profanas e sagradas, permitia aos participantes a circulação, tanto em torno dos espaços sagrados reverenciando as práticas litúrgicas e doutrinares reservadas a homenagear a padroeira da cidade, quanto participando da parte profana nas festanças, comilanças e festejos feitos fora do templo religioso. Na Festa de Sant’Ana havia “participa[ntes] apenas dos ritos sacros do templo, enquanto outros - a absoluta maioria - se limitam à praça da farra, e outros ainda circulam nos dois espaços⁷”.

O cenário descrito acima revela as representações e as práticas do povo feirense, e como se comportava e vivenciava a festa da avó de Jesus Cristo nas primeiras décadas do século XX. Silvânia Batista⁸, em estudo sobre a Festa, faz um recorte da década de 1930 a 1950, mostrando como se constituíram as relações da Festa, apontando inclusive os conflitos presentes no processo de seu acontecimento. Ela deu enfoque aos conflitos políticos travados entre as Filarmônicas e a Igreja, representada pelo Padre Amílcar, que as proibiu de se apresentarem nos espaços internos da Igreja Matriz, seguindo uma determinação do Concílio Plenário Brasileiro, nos festejos de 1942.

Esse Concílio, seguindo as determinações de Pio X, “proibi[a] as bandas de músicas tocar dentro das igrejas. Fora delas são permitidas nas procissões, contanto que os músicos se comportem com respeito e edificação cristã e se abstenham de executar composições profanas e ligeiras⁹”. Segundo Batista, essa decisão de cumprimento do pároco “podia até estar sendo intolerante, mas tinha respaldo da Igreja Católica¹⁰”. Ela não avança seus estudos além dessa afirmativa de constatação de uma ação de cumprimento de uma regra, concluindo que a reação da filarmônica foi pregar uma vingança ao pároco Almícar Marques: no dia 26 de julho de 1945, durante plena comemoração mundial em louvor a Santana, as filarmônicas *25 de março* e *Euterpe Feirense* adentraram a igreja tocando ao mesmo tempo que acontecia a celebração da

missa organizada naquele ano pelo professorado da cidade, gerando uma grande balbúrdia.

Se a autora tivesse ido um pouco mais a fundo, teria compreendido que a ação do Padre Almícar significava na verdade uma postura tomada pela Igreja Católica Brasileira e sua perspectiva de neocristandade que, tomando como base os princípios do ultramontanismo, desejava o fortalecimento da doutrina e a criação de zonas para separar as expressões religiosas das expressões de religiosidade popular consideradas como práticas profanas.

A historiografia das religiões indica que a história da Igreja Católica no Brasil é marcada por dois grandes momentos; o de romanização e um segundo momento de neocristandade. Segundo Cândido da Costa e Silva¹¹, a romanização se iniciou no século XIX e seu objetivo era a criação de um clero ilustrado e probo, ligando-se diretamente a Santa Sé e afastando-se da órbita política e de subordinação do Império, com o intuito de influenciar a vida nacional, tendo como principais características a “espiritualização” do clero distanciando-o da realidade social e de seus problemas.

Quanto às fronteiras cronológicas da Neocristandade, conforme Scott Mainwaring¹², elas podem ser fixadas entre os anos de 1916 e 1955, sendo seu percussor Dom Leme, tendo seu apogeu durante o governo Vargas (1930- 1945). Nesse período, a Igreja Católica começou a dar mais atenção a seus problemas institucionais relativos às suas fragilidades, deficiência nas práticas religiosas populares, falta de padres, precariedade da educação religiosa na sociedade brasileira, ausência de intelectuais católicos, limitada influência política da Igreja e frágil situação financeira. Segundo AZZI¹³, Dom Leme acreditava que a sociedade deveria ser levada a uma participação na Igreja e, principalmente, que a Igreja exercesse um papel de interferências nas questões ligadas ao Estado:

Os anos trinta foram bastante frutíferos para a Igreja da Neocristandade. Data desse período a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil (1930), a inauguração da estátua do cristo Redentor (1931), a criação da Liga eleitoral Católica (1932), a realização do primeiro Congresso Eucarístico Nacional (1935) e a realização do Concílio Plenário Brasileiro (1939). Dessa série de acontecimentos, o último revestiu-se de grande importância estratégica. Realizado à sombra do Estado novo, o Concílio Plenário Brasileiro congregou o episcopado nacional a fim de discutir os problemas enfrentados pela Igreja e traçar metas para a mesma. (SANTOS, 2006, p.04)¹⁴

No Concílio Plenário Brasileiro, em 1939, foram discutidas diversas questões relacionadas às demais religiões que ameaçavam o catolicismo, como o Protestantismo e o Espiritismo. Em especial, a discussão sobre questões sociais levantadas pela ameaça do avanço do Comunismo na nação brasileira. Esse foi um dos pontos de convergência que religou a Igreja e o Estado numa luta para apagar da nação brasileira o risco comunista. Foi com base nesse mesmo Concílio que a Instituição Arquidiocesana Baiana proibiu toques de banda, com músicas profanas, dentro das igrejas. Feira de Santana, não desconectada desse contexto nacional, anunciou essa proibição para a comunidade, havendo, por partes das filarmônicas, grande resistência em cumprir a “lei” determinada pela Igreja Católica Brasileira. Em circular, a Arquidiocese Baiana determina:

O Concílio Plenário Brasileiro renova em dois decretos especiais a mesma formal proibição: Sejam afastadas da igreja as bandas de música e guardem absoluto silêncio durante todo o tempo da consagração. Se porventura acompanharem as procissões não devem entrar na igreja.

E finalmente: evite-se convidar as bandas de músicas, que são ocasião de profanação das festas religiosas. [...]

E para que chegue ao conhecimento de todos os fiéis e interessados mandamos ao Revmos. Párocos e Reitores de igrejas façam afixar esta circular em lugar patente nas igrejas, depois de lida a estação da missa conventual.

Bahia, 2 de abril de 1945 (Mons. Apio Silva, Vigário Geral)¹⁵

Batista além de tratar do aspecto das filarmônicas, também discutiu que no “espaço festivo havia lugares e condições de participação diferentes¹⁶”, ainda que ela unisse num mesmo lugar diversos sujeitos sociais para comemorar, se divertir e romper a rotina cotidiana.

Em relação à organização, a comissão da festa sempre era presidida por pessoas de classe média ou das elites. “Estar atuando à frente de tais comemorações demarcava o prestígio social dos participantes e, por sua vez, ocupar uma posição relevante na sociedade dava melhores oportunidades para a aceitação como membro das comissões das festas¹⁷”.

Fazer parte à frente das comemorações representava prestígio social, mas acima disso, a Igreja Católica Feirense tinha grande interesse na participação desses sujeitos no universo festivo, pois nesse momento da festa se reafirmavam os laços e vínculos dos membros da sociedade com a Igreja, pois, dessa forma, ela poderia desenvolver seus projetos para fortalecimento da instituição frente à comunidade e também demonstrar

simbolicamente aos membros políticos que ela exercia um grande poder de mobilização e reunião de diversos sujeitos pertencentes à comunidade.

A Igreja Católica dos anos 30 a 50 buscava esses sujeitos influentes que naquele período seguiam a cultura católica e podiam ser disseminadores e fortalecedores dos princípios cristãos e quem melhor para fazer isso na cidade do que os políticos e dirigentes que, em certa medida, mantinham controle nos espaços públicos e educacionais. “Particularmente a neocristandade no contexto brasileiro, visava revitalizar a presença do catolicismo dentro da sociedade, a fim de que o mesmo imiscuísse nas principais instituições e nos governos¹⁸”.

Optar por membros de influência na sociedade, e não pelo Zé Povinho¹⁹ significava que estes últimos não se aproximavam do ideal moralístico e de cristandade pregados pela Igreja Católica e a prova disso estava nas ações e atitudes desses sujeitos nos festejos de caráter profano, em particular, na Lavagem, momentos em que se entregavam ao total prazer e divertimento transgredindo a “ordem” pré-estabelecida e que deveria ser sempre seguida independentemente da ocasião, em especial, quando se referia às comemorações de caráter divino. Profanar esses momentos era um afronto à instituição religiosa que condenava e tentava controlar esses momentos na busca de disciplinalização e direção da festa, mas ficava provado que, em certa medida, os tentáculos da igreja não conseguiam controlar a profanação tanto quanto desejavam.

Poppino²⁰ em estudo sobre Feira de Santana percebeu modificações significativas no processamento das comemorações da padroeira da cidade a partir dos anos cinquenta, fase em que, gradualmente a festa começou a perder a opulência e a grandeza tão comentadas pelo memorialista Eurico Alves²¹. Paralelamente a esse processo de perda de opulência, a cidade estava crescendo e era preciso adaptá-la a novas realidades e projetos de modernização. As novas estradas atravessavam a cidade e a interligavam ao norte e sul do país. “Surgiram a BR116, a BR324, a Rio-Bahia. Feira de Santana se constituía de uma malha rodoviária que contribuía a cada dia para a ampliação das relações comerciais na cidade²²”. As novas portas, abertas com as rodovias e a tradição comercial, atraíram para a cidade um maior volume populacional, aumentando a sua densidade.

A Festa de Sant’Ana a cada ano ganhava dinâmica própria complexizando suas formas de ser e se organizar. À medida que os anos passavam, a Festa ganhou maiores proporções, seu público cresceu e suas formas de ações e práticas foram se alterando. A

Lavagem de Sant'Ana, assim como a Festa, sofreram profundos processos de remodelamento e organização, alterando, com isso, as relações produzidas para sua sustentação e reprodução até o final das décadas de 1980. No entanto, as mudanças mais marcantes e definidoras do seu ordenamento ocorreram entre os anos 1960 e 1970.

Nos anos 1960, a Lavagem sofreu o impacto da cultura de massa, com a introdução do trio elétrico e ganhou ares mais carnavalescos. Em detrimento, passou a sofrer críticas de membros da sociedade e da Igreja Católica, com denúncias nos jornais, como no *Folha do Norte*²³, questionando a originalidade da Lavagem e seu verdadeiro sentido e objetivo. O cortejo passou a ser composto da presença do trio-elétrico, de fantasias, de brincadeiras e de “transgressões”. A Lavagem sofreu alterações com a agregação desses novos elementos, se tornando também palco de muitas disputas religiosas e sociais.

Postura que se fortaleceu na década de 1970, marcada pela nomeação de um novo bispo para Feira de Santana, Dom Silvério Albuquerque, contrário às festas de largo e aos festejos populares, seguindo uma diretriz maior da Igreja, em consequência de sua romanização e neocristandade que valorizava a doutrina em detrimento das expressões populares. Essas diretrizes também foram presentes em outras festas religiosas na região do recôncavo e na capital baiana, a exemplo da Festa de São Bartolomeu, em Maragogipe, como mostra o estudo de Reis²⁴.

Os anos 1970 também foram marcados pelo centenário da cidade de Feira de Santana, em razão disso a festa para a *avó de Jesus Cristo* deveria acontecer com muita pompa e com o retorno da tradição e das origens perdidas. Assim defendia o memorialista Helder Alencar²⁵, porém criticava a atitude da Igreja nas suas ações de reestruturação da festa, quanto colocar cerca em torno da catedral para afastar os populares do templo. Ele também discordava da SETUR que ao assumir a Festa no ano de 1977, determinou novas diretrizes como a inclusão do trio elétrico e a eliminação de elementos considerados por ela arcaicos.

Sendo o objetivo da SETUR realizar na Festa um processo de modernização e massificação com a inclusão de trio elétrico e shows de palco. Porém, o apelo de Helder e de alguns membros da comunidade Feirense em manter a tradição da Lavagem com instrumentos de zabumbas, charangas e outros foi escutado, pois no final da década de 70, por decisão da própria SETUR, o trio elétrico foi retirado da festa, valorizando, dessa forma, os elementos mais antigos.

Acredita-se que o grande interesse, não o de Helder Alencar, mas talvez os da Igreja em manter a festa com elementos expressivos de características mais tradicionais fossem o de não desejar a ampliação da festa da Lavagem, para que ela não ganhasse proporções maiores, a exemplo da Lavagem do Bonfim em Salvador, ocupando o sentido principal da Festa de Sant'Ana. Ao que parece, a Igreja se tornava ainda mais distante da parte profana, pois a organização dessa etapa da Festa de Sant'Ana passa a ser não mais de responsabilidade dos membros das comissões escolhidas e organizada pela igreja, mas sim da SETUR, (órgão criado pela prefeitura), que parecia, naquele período, divergir das metas e propostas da Igreja para a Festa, pois estava investindo fortemente para o crescimento da festa com patrocínios para o evento acontecer.

Nesse campo de disputas e contradições, a Lavagem pode ser compreendida como um “texto passível de ser lido²⁶” e compreendido através de seus vários códigos e simbolismos, expressados por seus foliões durante o seu processamento ritualístico. Sendo este grande produtor de interlocuções entre os espaços profanos e sagrados, uma vez que nesses espaços sociais eram elaboradas relações e interlocuções entre os sujeitos que participavam diretamente da Lavagem, seus espectadores e os seus opositores que a viam como um momento de transgressão²⁷ da ordem e desrespeito da fé cristã por valorizar mais a diversão em detrimento da contrição pedida pelos atos religiosos durante as comemorações da Festa de Sant'Ana.

O interesse da Igreja em acabar com a Lavagem estava ligado a sua representação da quebra da ordem, comprovado pela dificuldade da Igreja em manter o controle sobre a população feirense. Ela também apresentava múltiplos significados produzidos no seu processamento através das suas performances culturais que podem ser investigadas e compreendidas pela História Cultural²⁸.

Sendo a Lavagem uma expressão cultural popular, ela também faz parte do campo simbólico, pois nela estão contidos símbolos que são desempenhados pelos participantes, seja de forma direta ou indireta durante o cortejo da Lavagem pelas ruas de Feira de Santana, seus diversos símbolos e códigos podem ser interpretados e compreendidos através do olhar matizado do historiador.

NOTAS

¹Rennan Pinto de Oliveira, Professor da SEC-Bahia, mestrando em História, Cultura e Poder na Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, graduado em Licenciatura em história pela UEFS, email: rennanoliveira5@yahoo.com.br.

² GALVÃO, Renato de Andrade. Os povoadores da Região de Feira de Santana. *Sitientibus. Feira de Santana, n.1, p. 25-31, jul./dez.1982. p.30.*

³ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana.* Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.p.26- A obra é uma coletânea do memorialista feirense que foi jurista e político na cidade de Feira de Santana.

⁴ Retretas eram as apresentações das Fanfarras existentes em Feira de Santana. As suas apresentações eram divididas para acontecer em vários momentos dos dias da Festa de Santana, normalmente aconteciam após as missas e novenas da Igreja.

⁵ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana... .p.30*

⁶ A Levagem da Lenha acontecia alguns dias depois da Lavagem, era marcada pela procissão de baianas levando feixe de lenhas sob a cabeça que era depositada em frente à Matriz de Sant'Ana para formar uma grande fogueira.

⁷ SERRA, Ordep. *Rumores de Festa: O sagrado e o profano na Bahia.* 2 ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2009. p.97. Assim como SERRA notou em sua pesquisa um fenômeno que acontecia nas festas de largos em Salvador, parece se repetir também na Lavagem da Igreja em Feira de Santana.

⁸ Monografia de especialização. *Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana (1930-1950)* defendida na Universidade Estadual de Feira de Santana, no Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, 1997.

⁹ Idem, ibidem . p. 55 Apud, Livro tombo I da Catedral de Santana, Feira de Santana (1930-1968), f.97.

¹⁰ Idem, ibidem, p.55

¹¹ Análise desenvolvida - COSTA e SILVA, Cândido. *Os Segadores e a messe: o clero oitocentista na Bahia,* Salvador: EDUFBA, 2000.

¹² MAINWARING, Scott. *A Igreja da Neocristandade, 1916 – 1955.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹³ AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador.* São Paulo: Paulus, 1994.

¹⁴ SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. Performances Culturais nas Festas de Largo da Bahia. Paper apresentado, 30º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, out de 2006. <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf>. Acesso em. 06 jan 2012.

¹⁵ *Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana...* Apud, Livro tombo I da Catedral de Santana, Feira de Santana (1930-1968), f.97

¹⁶ Idem, ibidem, p.49

¹⁷ Idem, ibidem, p.58

¹⁸ MAINWARING, Scott. *A Igreja da Neocristandade, 1916 – 1955.* São Paulo: Brasiliense, 1985.p.41

¹⁹ *Conflitos e Comunhão na Festa da Padroeira em Feira de Santana...* . Zé povinho termo usado pela autora para definir os populares que participavam da Festa e estavam presentes nas comilanças, bebedeiras, jogatinas e danças. p.49

²⁰ POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana.* Salvador: Itapuã, 1968.

²¹ BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana...*

²² Discussão feita por PACHECO, Larissa Penelu Bittencourt. *A Feira e a nova Feira: tradição, costumes e conflito em Feira de Santana- BA (1967-1977 - monografia defendida na especialização História da Bahia - UEFS, 2008.*

²³ Diversos debates foram levantados nesse Jornal a respeito da conservação e manutenção da cultura original da Lavagem.

²⁴ SANTOS, Fernanda Reis dos. *“A festa do excelso Padroeiro da cidade das palmeiras”: o culto à São Bartolomeu Maragopipe (1851-1943),* 2010 dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, UFBA.

²⁵ Jornalista, jurista, escritor e memorialista em Feira de Santana, atualmente trabalha na assessoria jurídica da Universidade Estadual de Feira de Santana, a sua crítica foi publicada no jornal Feira Hoje, na coluna que ele assinava “Pois é”, no ano de 1973, no dia 10 do mês de janeiro.

²⁶ Discussões feitas por Mary Ryan e Robert Darnton nas suas respectivas obras. RYAN, Mary. *A parada Norte-americana: Representações da ordem social do século XIX.* In HUNT, Lynn. *A nova história cultural: Tradução Jefferson Luiz Camargo.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.178-209. & DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.* Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

²⁷ Discussão feita por DA MATA nos livros. DA MATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986 & _____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

²⁸ Debate levantado por BURKE nas suas obras. BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 & _____. *O que é história cultural?* Tradução: Sergio Goes de Paula, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.